

SÉRIE V . VOLUME 6/7

O ARQUEÓLOGO PORTUGUÊS



MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA
IMPRESA NACIONAL

LISBOA, 2016-2017

Nota de leitura

PATRICK LE ROUX – Espagnes romaines. L'Empire dans ses provinces. Scripta Varia II. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 3.º trimestre de 2014. 714 p. Collection «Histoire». ISBN: 978-2-7535-3434-6.

Passa-se uma vida a lecionar e, simultaneamente, a investigar os temas de sua predileção, quando, até há uns dez anos, as universidades proporcionavam aos seus docentes a possibilidade de fazerem investigação, porque os não sobrecarregavam de burocracia e lhes não aumentavam inoportavelmente o número de horas letivas; quando a Universidade era uma *universitas*, ou seja, a comunidade de estudantes e de professores, em busca de uma aprendizagem para a vida.

Patrick Le Roux (nascido a 3 de outubro de 1943) está agora, naturalmente, já jubilado, professor emérito da Universidade de Paris XIII. Pertence, por conseguinte, àquela feliz leva de docentes que fez a sua vida de docente universitário desde os anos 60 até à entrada em vigor da chamada «reforma de Bolonha», que de Bolonha nada tem, porque essa vetusta Universidade a ela teve o bom senso de não aderir.

Pôde assim Patrick Le Roux – nomeadamente no âmbito das atividades do então Centre Pierre Paris, da Universidade de Bordéus III, que tinha a Hispânia romana como alvo principal de investigação sob a direção de Robert Étienne – preparar a sua tese de doutoramento sobre o papel essencial que o exército romano teve na organização das províncias ibéricas, desde o reinado do imperador Augusto até à invasão de 409, tese que viria a ser publicada (Diffusion de Boccard, 1982) e que constitui, ainda hoje, o *vade-mécum* para o estudo dessa temática. Fruto das investigações posteriores sobre essa temática será a coletânea (também com textos inéditos) *La toge et les armes – Rome entre Méditerranée et Océan* [Scripta Varia I] (P. U. Rennes, 2.º semestre de 2011).

Concomitantemente, ia Patrick Le Roux preparando comunicações a congressos, intervenções como conferencista e artigos em revistas da especialidade, trabalhos em que, de um modo geral, as fontes epigráficas constituíam elemento fundamental para as suas conclusões. Nas epígrafes se observam, por exemplo, de modo palpável os efeitos do contacto dos Romanos com as populações indígenas e, também, a forma como essas comunidades se organizaram, obedecendo, ou não, de forma restrita, aos cânones estabelecidos. Temas, por conseguinte, aliciantes, a que o investigador não podia ser alheio.

E chegou depois o momento em que esses textos, dispersos por revistas e atas de reuniões científicas, careciam de ser reunidos em volume, até para ilustrar mais exemplarmente a opção teórica feita pelo investigador em relação a este ou àquele tema, enquadrável sempre em problemática mais vasta. Não sem, antes, o estudo feito ao longo de tantos anos lhe houvesse também proporcionado apresentar uma síntese geral: e foi isso que fez com o seu *L'Empire Romain* (Que sais-je? PUF, Paris, fevereiro de 2005), que seria traduzido no mesmo ano para italiano (*L'Impero Romano*, Newton & Compton editori, Roma, novembro de 2005) e, em abril de 2009, para português (*Império Romano*, L & PM Editores, Porto Alegre).

O livro ora em apreço vem, pois, na sequência de outras coletâneas (sempre reformuladas e atualizadas), subordinadas a títulos diversos, sempre – como este – passíveis de alguma reflexão, não isenta de provocação: *Romains d'Espagne (Cités & politique dans les provinces – I^e siècle av. J.-C. – III^e siècle ap. J.-C.* (Armand Colin, Paris, 1995); *La Péninsule Ibérique aux Époques Romaines* (Armand Colin, Paris, julho 2010). A sua obra mais recente, *Mémoires Hispaniques – Essai sur la Pratique de l'Histoire* (Casa de Velázquez, Madrid, 2012), fugirá, porém, a esse carácter de recompilação organizada e estruturada, para se assumir como aprofundada reflexão acerca do modo de fazer História, um tema que sempre foi caro ao autor, porque acredita ser, amiúde, o relato histórico reflexo das pulsões do historiador, não desgarrado nunca da época em que escreve ou analisa o passado.

A segunda parte do título – «O Império nas suas províncias» – aceita-se facilmente: o objetivo será verificar como é que as estruturas político-económicas e, até, culturais dos Romanos se moldaram ao pré-existente e vice-versa. Agora, a primeira parte visa, obviamente, gerar a curiosidade: as «Espagnes romaines»? Note-se, para já, que, por mais que expliquemos que Espagne, do ponto de vista político, é uma realidade que só existe após o reinado de Fernando e Isabel, os reis católicos, e que, muito antes disso, desde 1143, existia na Península outro país independente, Portugal, e que, por conseguinte, no tempo dos Romanos, Espagne não há... isso equivale a bradar no deserto e não vale a pena insistir! Mas a questão mantém-se, mesmo que, da parte do autor, haja plena consciência da realidade histórica: *Espagnes* no plural, porquê? Porque, de facto, mesmo no decorrer da «ocupação» romana, houve diferenças importantes – assim o entendo eu – entre as várias regiões, quer se faça uma análise do ponto de vista da divisão territorial pelos povos pré-existentes, quer se analise a distribuição dos cultos a divindades indígenas, a deuses do panteão clássico romano ou a númenos importados do Mediterrâneo Oriental, quer se explore o modo como romanos e indígenas se empenharam no aproveitamento dos recursos naturais, quer se observe a diversidade da paisagem urbana, ainda que reflexo de cânones ancestrais... «Hispanias» diversas...

Já tive ensejo de me interrogar, exatamente em comentário ao, atrás citado, *La Péninsule Ibérique aux Époques Romaines*, se poderíamos considerar a História uma

ciência objetiva ou se, mercê de o historiador ser suscetível de se deixar influenciar pelas teorias do seu tempo, a subjetividade é, também aqui, fator a ter em conta. Em relação a Patrick Le Roux, creio poder asseverar que sempre manteve, a esse respeito, uma atitude crítica, irrequieta, que, afinal, sem porventura disso se aperceber, realmente deixa perceber no texto que, sem assinar, inclui, mais ou menos nos mesmos termos, logo no início das «coletâneas» atrás citadas:

«Tous les articles et les communications repris ici ont été révisés et recomposés sans réécriture du texte original», esclarecendo que «Les ajouts sont signalés dans le texte entre crochets et sous la forme de *post-scriptum* en fin de chapitre qui proposent une bibliographie postérieure à la publication originelle et des orientations renouvelées sur le sujet traité», para concluir, no penúltimo parágrafo, com um certo destaque que não se vê mas se intui:

«L'ouvrage constitue un nouveau livre inédit, mis à jour et complété par des indications destinées à en faciliter l'utilisation» (p. 6).

Trata-se, sem dúvida, de uma posição deveras original, que demonstra, de modo especial, esse espírito inquieto do autor em tudo pesquisar e de tudo estar ao corrente. E se esse tom peremptório – «constitui um novo livro inédito!» – pode provocar no leitor menos atento alguma surpresa, direi que essa atitude é reflexo, precisamente, do modo como Patrick Le Roux incansavelmente trabalha e profundamente medita. E os seus livros não podiam, pois, ser doutra forma: densos, férteis em minuciosas análises e fundamentados em argumentos que explora ao pormenor. Daí que não sejam de leitura fácil nem se possam apresentar como destinados a um público que não esteja bem dentro das problemáticas abordadas. É esse o seu estilo, quer na escrita, quer na oralidade – e é, não temos dúvida, dessa densidade informativa, atentamente estudada, que das novas ideias propostas lograremos tomar consciência plena.

Aliás, vai nesse sentido o *Avant-propos* (p. 9-11), assinado por quantos colaboraram na reunião dos trabalhos aqui inseridos – oito dos seus mais diretos colaboradores –, pois consideram que o volume «rend compte de ce tropisme ibérique qui plonge ses racines dans des souvenirs d'enfance [...], mais il montre aussi combien sa connaissance de la Péninsule Ibérique s'est nourrie d'un va-et-vient permanent entre Rome et les espaces provinciaux» (p. 10). Ou seja, a história da Hispânia não pode encarar-se desgarrada da história do Império Romano em geral.

Após essa abertura, apresenta-se a bibliografia do autor (p. 13-26), dividida em obras e edições, e artigos e contribuições ordenadas cronologicamente (1971-2013).

À 1.^a parte do volume foi dado o título *Construções provinciais* (p. 27-170); à 2.^a (p. 171-272), *Poderes urbanos*; à 3.^a (p. 273-338), *Dos soldados e dos provinciais*; à 4.^a (p. 339-541), *As marcas romanas*; à 5.^a (p. 543-626), *Memórias de pedra e*

de bronze. Completam o volume: o mapa das cidades e dos povos da Hispânia Romana (p. 627); o rol das abreviaturas (p. 629-630); a bibliografia geral (p. 631-654); índice de fontes (literárias, epigráficas, jurídicas e papirológicas) – p. 655-671; um muito útil índice de nomes próprios (p. 673-680) e os não menos úteis índices geográfico (p. 681-687) e de assuntos (p. 689-702). O volume não abunda em ilustrações; mesmo assim, foi incluído, nas p. 703-704, o respetivo índice.

Ao todo, 35 capítulos, em *Times New Roman* corpo 12 e a um espaço, com notas de rodapé em corpo 10 – e dou esta informação para que se compreenda a densidade de informação aqui inserida. Um asterisco no título de cada capítulo remete para a informação do local onde o texto foi publicado pela primeira vez; e, na verdade, todos têm *post-scriptum* de atualização bibliográfica e de comentário. São mantidos, em cada capítulo, os subtítulos do texto original.

Complementando mui eficazmente as recolhas anteriores (que o autor me perdoe se não consigo encontrar termo mais adequado para qualificar os seus volumes, cujo ineditismo, apesar disso, é, como assinala, incontestável), este *Espagnes romaines* constituirá doravante, até pela facilidade de consulta, apesar do seu tamanho (mais de 700 páginas, como se assinalou), um *vade-mécum* obrigatório para quem precise de se documentar sobre o que foi o domínio romano na Península Ibérica, desde a «invenção da província romana da Hispânia Citerior de 197 a. C.» até, por exemplo, ao século IV, quando o escol da população hispano-romana parece ter entrado em crise, ainda que, também neste aspeto, haja, segundo o autor e eu estou inteiramente de acordo com ele, «uma historiografia a carecer de renovação» (p. 407).

Compreende-se a impossibilidade de, em mera recensão de obra tão vasta, entrar em pormenores ou adiantar propostas de discussão temática. Permita-se-me, por conseguinte, que apenas assinale uma passagem, a meu ver, deveras sintomática da forma como o autor analisa a História. No *post-scriptum* ao capítulo V, que transcreve a comunicação apresentada, em 2007, à VII Mesa-redonda da Lusitânia romana, em que abordou a instituição da província romana da Lusitânia (p. 95-110), comenta:

«Le bilan met en valeur les difficultés méthodologiques qui sont celles auxquelles conduit la logique des travaux actuels concernant non pas seulement la Lusitanie mais l'ensemble des provinces occidentales: entre positivisme juridique et préoccupations identitaires modernes il est peu probable que des solutions puissent être durablement trouvées. Un exemple éloquent est celui des 'colonies latines' dont les définitions habituelles se heurtent à des contradictions insurmontables: le cas le plus représentatif est celui d'*Auenticum* dont le statut romain ou latin n'est toujours pas établi de manière unanime» (p. 111).

Na verdade, termino como iniciei este apontamento de recensão de obra tão complexa e completa em termos de análise: Patrick Le Roux continua a chamar

a atenção para a necessidade de se procurar fazer uma História objetiva, baseada em dados concretos interpretados com fundamentos credíveis. E um tópico em que esgrime constantemente a sua argumentação é precisamente o da nefasta influência das «preocupações identitárias modernas».

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO